

EIXO TEMÁTICO: GÊNEROS, SEXUALIDADE E SAÚDE

PANDEMIA DA COVID-19 NO BRASIL E SEUS REFLEXOS NA SAÚDE MENTAL DE MULHERES: UMA REVISÃO DE LITERATURA

DOI: 10.53524/lit.edt.978-65-84528-08-6/44

Sabryna Lais Tavares de Lima

Bacharelado em Psicologia, Universidade Federal do Pará
sabrynalais@gmail.com

Tawane Tayla Rocha Cavalcante

Acadêmica de Psicologia, Universidade Federal do Pará
tawane.cavalcante@outlook.com

Antônio Soares Júnior

Mestrando em Psicologia, Psicólogo, Universidade Federal do Pará
psi.antoniojr@gmail.com

Resumo

Introdução: A pandemia de COVID-19, acentuou várias mazelas e desigualdades sociais. No âmbito da saúde mental, os índices de sofrimento psíquicos e psicopatológicos aumentaram, principalmente em mulheres que já sofrem, antes mesmo do contexto pandêmico, algumas desigualdades de base. **Objetivo:** Sintetizar e evidenciar informações sobre o impacto da pandemia na saúde mental de mulheres. **Métodos:** O estudo foi elaborado dentro do método qualitativo de pesquisa, a partir de uma revisão de literatura, utilizando as plataformas de pesquisa Google Acadêmico, Scielo, Biblioteca Virtual da Saúde e o Observatório de Evidências Científicas COVID-19. **Resultados e Discussão:** As mudanças na rotina e condições de vida das pessoas, provocadas pela pandemia, afetam jovens, adultos e idosos de ambos os sexos. Mas, observa-se que sintomas de ansiedade, depressão e distúrbios no sono têm prevalência ainda maior em mulheres. Observa-se que a intensificação das atividades domésticas durante o período de quarentena, afetou bem mais mulheres, tendo em vista as atividades laborais de forma remota, tarefas domésticas e cuidado com filhos/as. Outros pontos a serem discutidos são a vulnerabilidade das mulheres que já sofreram e sofrem com violência e os agravos a partir das medidas de proteção contra a COVID-19, decorrente do afastamento da rede de apoio (a considerar amigos próximos e familiares) e o maior contato com o agressor durante a pandemia. **Conclusão:** Foi possível alcançar o objetivo deste trabalho, ao observar como a pandemia afetou a saúde e bem-estar das mulheres. Foi possível discutir e compreender os agentes envolvidos no que se refere a intensificação do mal-estar psíquico de mulheres durante e depois da pandemia, os agravos psicopatológicos de depressão, ansiedade e índices de violência que contribuem para a fragilização da saúde física e mental das mesmas.

Palavras-chave: Saúde mental; COVID-19; Saúde da mulher; Pandemia.

Eixo Temático: Gênero, Sexualidade e Saúde

E-mail do autor principal: sabrynalais@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Ao considerar o conceito de saúde mental pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2018; 2019), como o estado de completo bem-estar físico, mental e social, é pertinente considerar os determinantes sociais de saúde, como os fatores econômicos, sociais, raciais, psicológicos e comportamentais, que influenciam no estilo de vida das pessoas (BUSS; PELLEGRINI FILHO, 2007) e seu papel para a promoção da saúde mental, visto que a saúde mental perpassa, então, para além da ausência ou presença de desordens psicológicas (OMS, 2001).

A pandemia de COVID-19 acentuou várias mazelas e desigualdades sociais, conforme a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (2020). No âmbito da saúde mental, os índices de sofrimento psíquicos e psicopatológicos aumentaram, principalmente em mulheres (GAUDENZI, 2021; SOUZA; SOUZA; PRACIANO, 2020) que já sofrem antes mesmo do contexto pandêmico, algumas desigualdades de base, como a desigualdade de gênero (TEIXEIRA, 2010), diante dos efeitos econômicos e sociais da pandemia, mas também do processo psíquico do contexto de lutos e incertezas perante o momento da crise mundial de saúde.

Partindo do pressuposto em que a pandemia reflete em dimensões biológicas, ideológicas, políticas e sociais, é possível compreender qual o papel da saúde coletiva no âmbito da produção de conhecimento e intervenções, no que se refere aos processos de saúde e doença, mediante as relações entre o social e biológico afetado pelo contexto atual da crise sanitária no Brasil (BEZERRA *et al.*, 2020).

Nessa perspectiva, a partir de um delineamento mais social do fenômeno epidêmico, temos a noção do impacto da pandemia nas relações cotidianas individuais e coletivas. Segundo Bezerra *et al.* (2020), as consequências da COVID-19 afetam a sociedade de forma bastante heterogênea, e quando se trata de marcadores sociais de gênero, raça, etnia e efeitos econômicos isso se torna ainda mais evidente. No que tange a saúde mental das mulheres, as diferenças sociais e a vulnerabilidade diante do contexto de distanciamento e isolamento social, se tornam mais acentuadas, tendo em vista as desigualdades sociais históricas e estruturais.

Compreende-se que, com o agravamento da pandemia, houve também o agravamento de diversas situações que interferem no bem-estar e na saúde da população, tendo em vista as condições de desigualdades sociais enfrentadas pela população brasileira. Ferreira *et al.* (2020) destaca que, para as mulheres, as questões do isolamento social em consonância com os índices de violência

doméstica, se tornaram ainda mais potencializadoras durante o período de quarentena.

Além disso, com as dificuldades econômicas, perda de vínculos empregatícios e instabilidade nas relações de trabalho autônomas, afetaram e afetam homens e mulheres de forma desigual, pois muitas mulheres, durante esse período, passaram de uma jornada dupla de trabalho, para uma jornada sem divisões, entre atividades profissionais, atividades em casa, responsabilidades de cuidados com filhos, quando há filhos, o cuidado com os pais — ou alguma demanda de outro familiar (FERREIRA *et al.*, 2020; LOBO, 2020). Ainda, Lobo (2020) enfatiza que com as exigências de isolamento social, tornou-se mais preocupante e exigente o cuidado integral à saúde das mulheres, tendo em vista as especificidades e vulnerabilidades no que se refere ao aumento da violência doméstica, desigualdades de gênero, trabalho, maternidade e saúde mental das mulheres no contexto da pandemia.

Tendo em vista o agravamento de desigualdades, mais especificamente de mulheres vulnerabilizadas no contexto de pandemia, faz-se necessário refletir e compreender quais as consequências e efeitos psicológicos e sociais causados pelo distanciamento social na saúde mental de mulheres. Nesse sentido, este estudo de revisão bibliográfica, tem como objetivo sintetizar e evidenciar informações sobre o impacto da pandemia na saúde mental de mulheres, considerando este um assunto atual e pertinente à saúde mental e coletiva.

2 MÉTODOS

O estudo foi feito a partir de uma revisão de literatura (BENTO, 2016). Para o levantamento da literatura foram utilizadas as bases de dados Google Acadêmico, Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) e o Observatório de Evidências Científicas COVID-19. Para encontrar os artigos foram utilizados descritores como: “Saúde mental”, “Pandemia”, “COVID-19”, “Saúde da mulher”, “Violência contra a mulher”, “Efeitos da COVID-19”, ou foram consideradas literaturas, relatórios e cartilhas que apresentaram estas temáticas em seu título. Por fim, para a realização desta pesquisa, foram utilizadas vinte e uma literaturas, utilizando como critérios de exclusão textos repetidos e com mais de 5 anos

publicados, para os resultados. As principais temáticas das produções científicas encontradas e utilizadas foram:

Tabela 1. Principais assuntos abordados nos artigos selecionados

Frequência de sintomas psicopatológicos em brasileiros/as na pandemia COVID-19.
Impactos sociais e psicossociais da COVID-19.
Violência doméstica no isolamento social durante a pandemia.
Atenção à saúde da mulher e as dimensões de gênero na pandemia da COVID-19.
Saúde mental no contexto da pandemia e as contribuições do SUS no enfrentamento a COVID-19.

Após a leitura e seleção dos artigos, foi possível fazer uma análise por meio do método qualitativo de pesquisa, verificando como cada estudo poderia conversar entre si e trazer novas perspectivas sobre o assunto. O procedimento de revisão de literatura foi escolhido com o objetivo de localizar, analisar, sintetizar artigos científicos, livros, resumos, trabalhos publicados, documentos e outros em relação à saúde mental da mulher, durante a COVID-19 e qual a relevância de discutir esta temática no campo da saúde pública, atualmente.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao considerar a crise sanitária mundial, período no qual a população teve que aderir a medidas de isolamento social; no que se refere ao sofrimento psíquico, essas medidas podem agravar ou ainda constituir-se como um fator de risco para aqueles e aquelas que já tem predisposição à vulnerabilidade psíquica. Alterações de sono, distúrbios emocionais, sensação de pânico, irritação, estresse, sintomas de ansiedade, depressão e estresse pós-traumático, estão entre os principais sinais e sintomas de sofrimento psíquico observados na população com o início da pandemia da COVID-19 (BARBOSA *et al.*, 2021; BARROS *et al.*, 2020).

As mudanças na rotina e condições de vida das pessoas, provocadas pela pandemia, afetam jovens, adultos e idosos de ambos os sexos. Mas, observa-se, conforme os estudos de Barros *et al.* (2020), que sintomas de ansiedade, depressão e distúrbios no sono têm prevalência ainda maior em mulheres, sendo os sintomas

depressivos observados em 40,4% dos brasileiros entrevistados. Ainda, conforme a pesquisa de Barros *et al.* (2020) — realizada no Brasil no início de 2020, constatou-se que em mulheres os índices de sintomas depressivos e ansiosos foram duas vezes mais frequentes, em comparação aos homens.

Os dados da pesquisa revelaram que o percentual de agravamento de problemas relacionados ao sono em mulheres atingiu em média 49,8% das entrevistadas e em homens 37,1%. Nesse sentido, conforme os resultados deste estudo, nota-se que os sentimentos de tristeza, ansiedade e problemas de sono afetou a saúde mental de considerável amostra da população, durante a pandemia da COVID-19, com resultados mais elevados entre mulheres e pessoas já diagnosticadas previamente com algum sofrimento psíquico (BARROS *et al.*, 2020).

A pesquisa realizada por Barbosa *et al.* (2021), sobre frequência de sintomas de ansiedade, depressão e estresse durante o período de pandemia, indicam uma amostra predominantemente feminina, contabilizando 78,1% do total de entrevistados. Ao comparar os resultados referentes aos sintomas de saúde mental avaliados nas subescalas, foi observado que a média para depressão, ansiedade e estresse foi bem maior entre mulheres do que homens, contabilizados em 5,84, 4,47 e 8,22 respectivamente. Nota-se que entre todos os sintomas observados os de estresse se sobressaem em relação a outros sintomas psicopatológicos avaliados entre as participantes da pesquisa. Diante desses resultados, observa-se o impacto da pandemia na saúde mental de mulheres.

Apesar de as mulheres serem mais propensas, estatisticamente, a desenvolverem problemas como depressão e ansiedade (OMS, 2017; COSTA *et al.*, 2019), é importante destacar os fatores que contribuem para o agravamento da saúde mental das mulheres (BAPTISTA *et al.*, 1999) e para haver maior prevalência de sintomas depressivos e ansiosos durante a pandemia. Vale ressaltar, que as condições de isolamento social e quarentena introduzem uma nova realidade no cotidiano de mulheres, contribuindo para o aumento do estresse, insônia, tristeza e ansiedade social. Além disso, as questões decorrentes de dificuldades econômicas, o medo de ser contaminada pelo vírus e as incertezas sobre o futuro são questões que acometem a população em geral, mas em especial a mulheres que já enfrentam diversas questões sociais e históricas ao longo da vida, tais como: violência, misoginia, dupla carga de trabalho e maternidade (BARBOSA *et al.*, 2021; BARROS

et al., 2020; CANAVÊZ; FARIAS; LUCZINSKI, 2021).

Os estudos de Barros *et al.* (2020) e Barbosa *et al.* (2021), destacam que no que tange às mudanças nas condições de vida de mulheres e os impactos psicológicos causados pela pandemia da COVID-19 se relacionam, prioritariamente, as diferenças significativas entre a rotina laboral de homens e mulheres. Observa-se que a intensificação das atividades domésticas durante o período de quarentena, afetou bem mais mulheres, tendo em vista as atividades laborais de forma remota, tarefas domésticas e cuidado com filhos/as. Outro ponto a ser destacado é que no Brasil, os índices de violência e feminicídio são um dos mais altos comparados a outros países da América Latina e durante o período de distanciamento social esses números cresceram ainda mais (MARIA *et al.*, 2020).

No âmbito social, não podemos deixar de levar em consideração as mulheres chefes de família, autônomas e também as trabalhadoras domésticas remuneradas, que em sua maioria, não puderam fazer isolamento social para além das medidas protetivas dos decretos de *Lockdown*, por exemplo. A essas mulheres culminou a responsabilidade de manter seu emprego, sem se infectar pelo vírus, não só pelo risco de vida, mas por serem a única fonte de renda de sua família. Thomé e Melo, em seu artigo “Empregadas domésticas, cuidadoras e afazeres domésticos – o viés de gênero da pandemia de COVID-19” (2021), levantam pontos relevantes sobre esse assunto, como o fato de que a pandemia culminou na piora das relações de trabalho para esta categoria, com grandes cargas horárias de trabalho para aquelas que passaram a “quarentena” na casa de seus patrões, e o desemprego para outras, por exemplo. Além disso, para as autoras, as mulheres foram as mais atingidas com a pandemia.

Outros pontos a serem discutidos são a vulnerabilidade das mulheres que já sofreram e sofrem com violência e os agravos a partir das medidas de proteção contra a COVID-19, decorrente do afastamento da rede de apoio (a considerar amigos próximos e familiares) e o maior contato com o agressor durante a pandemia.

Quanto aos índices de violência doméstica, com base nos dados publicados entre março e abril de 2020, pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), houve um decréscimo no registro de boletins de ocorrência, no que se refere aos crimes cometidos contra a mulher. Entretanto, também foi documentado que houve um aumento nos índices de atendimento a vítimas de violência doméstica, por parte

da Polícia Militar. Observa-se, nesse sentido, que o isolamento social, decorrente do agravo da pandemia, também expõe ainda mais as questões de saúde pública, nos casos de violência contra a mulher. Compreende-se a partir dos estudos de Lobo (2020), que mediante o contexto de pandemia, a efetividade das atividades laborais nos setores de atendimento à saúde da mulher e a redução da comunicação com as redes de atenção a violência contra a mulher, são fatores que corroboraram para o decréscimo nas denúncias.

No campo da saúde mental da mulher, observa-se que os efeitos da pandemia da COVID-19 foram acentuados, dado as condições de vida e saúde de mulheres e a sobrecarga do trabalho doméstico não remunerado, para as mulheres que puderam optar trabalhar remotamente, assim como as múltiplas situações de desigualdade vivenciadas durante o trabalho online, gestação, parto, puerpério e a prevalência de violência doméstica. Ferreira *et al.* (2020), pontua que as mudanças na organização do Sistema Único de Saúde (SUS) durante o período pandêmico, fez com que houvesse dificuldades no atendimento qualificado à saúde de mulheres, como o acesso a informações e parto seguro. Além disso, destacam-se os altos índices de transtornos depressivos e ansiosos associados à gravidez de risco por conta da COVID-19 e o aumento da carga de trabalho, assim como o aumento no número de mortes maternas por COVID, no primeiro semestre da pandemia (BARROS *et al.*, 2020).

No âmbito da saúde pública e coletiva, Giovanella *et al.* (2020) destaca o papel da Atenção Primária à Saúde (APS) no desenvolvimento de ações comunitárias em saúde para grupos mais vulneráveis do território, tendo em vista o impacto na saúde física, social e psicológica da população, decorrente ao período de isolamento social. Além disso, é importante associar essas medidas pós intensificações da COVID-19, no que se refere ao trabalho de vigilância em saúde. Como já mencionado, a saúde das mulheres foi impactada de diversas maneiras no decorrer da pandemia, e é importante que essa parte da população seja amparada através de um trabalho multiprofissional, que garanta um cuidado longitudinal por meio de uma abordagem familiar e comunitária que possa intervir e se articular de forma intersetorial entre a Rede de Atenção à Saúde (RAS) os direitos, promoção, prevenção e cuidado à saúde da mulher (GIOVANELLA *et al.*, 2020).

Por fim, compreende-se que a Atenção Primária à Saúde, como porta de entrada do/da usuário/a no SUS, tem como aspectos essenciais a identificação e

notificação de casos de violência materna e infantil, casos de violência doméstica e detecção de pessoas em sofrimento psíquico. É por meio do matriciamento, visitas domiciliares, mapeamento do território e busca ativa, que profissionais da saúde podem analisar como se encontra a situação de saúde da população adscrita e assim promover estratégias de intervenção em saúde como forma de enfrentamento das sequelas da pandemia em suas dimensões individuais e coletivas (GIOVANELLA *et al.*, 2020).

4 CONCLUSÃO

Tendo em vista o que foi discutido, foi possível alcançar o objetivo deste trabalho, ao observar como a pandemia, em seus diversos contextos, afetou a saúde e bem-estar da população, em especial as mulheres. É relevante discutir e compreender os agentes envolvidos no que se refere a intensificação do mal-estar psíquico de mulheres durante e depois ao período pandêmico, os agravos psicopatológicos de depressão, ansiedade e índices de violência que contribuem para a fragilização da saúde física e mental de mulheres jovens, adultas, mães e idosas. É imprescindível que haja, portanto, o atendimento contínuo a saúde da mulher nas diversas esferas da Rede de Atenção à Saúde, para garantir a assistência, intervenção psicológica, fortalecimento da autonomia de mulheres mediante aos novos processos advindos das relações de trabalho, materna e familiar tendo em vista as mudanças sociais que a pandemia instaurou na sociedade.

Estudos futuros podem fazer recortes raciais, sociais e de gênero, mais específicos, a fim de abarcar a realidade da saúde mental e coletiva de mulheres pretas, pobres e LGBTQIA+, por exemplo, e como a pandemia afetou essas mulheres dentro destes recortes e não apenas de modo geral, como foi feito no presente trabalho.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, L. N. F. *et al.* Frequência de sintomas de ansiedade, depressão e estresse em brasileiros na pandemia COVID-19. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, [s. l.], v. 21, p. S413–S419, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9304202100S200005>

BAPTISTA, M. N.; BAPTISTA, A. S. D.; OLIVEIRA, M.G. Depressão e gênero: por que as mulheres deprimem mais que os homens?. **Temas em Psicologia**, v. 7, n. 2, p. 143-156, 1999.

BARROS, M. B. A. *et al.* Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19. **Epidemiologia e serviços de saúde: revista do Sistema Único de Saúde do Brasil**, [s. l.], v. 29, n. 4, p. e2020427, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1679-49742020000400018>

BENTO, A. Como fazer uma revisão da literatura: Considerações teóricas e práticas. **Revista JA (Associação Acadêmica da Universidade da Madeira)**, v. 7, n. 65, p. 42-44, 2012.

BEZERRA, C. B. *et al.* Impactos psicossocial do isolamento durante pandemia de covid-19 na população brasileira: análise transversal preliminar. **Saúde e Sociedade**, [s. l.], v. 29, n. 4, p. 1–10, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902020200412>

BUSS, P. M.; PELLEGRINI FILHO, A. A saúde e seus determinantes sociais. *Physis: Revista de Saúde Coletiva* [online]. v. 17, n. 1, 2007, Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312007000100006>

CANAVÊZ, F.; FARIAS, C. P.; LUCZINSKI, G. F. A pandemia de Covid-19 narrada por mulheres: o que dizem as profissionais de saúde? **Saúde em Debate**, [s. l.], v. 45, n. spe1, p. 112–123, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-11042021e109>

COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE (CEPAL), **Panorama Social de América Latina**, 2020 (LC/PUB.2021/2-P/Rev.1), Santiago, 2021.

COSTA, C. O. *et al.* Prevalência de ansiedade e fatores associados em adultos. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**. v. 68, n. 2, p. 92-100, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000232>

FERREIRA, V. C. *et al.* Saúde da Mulher, Gênero, Políticas Públicas e Educação Médica: Agravos no Contexto de Pandemia. **Revista Brasileira de Educação Médica**, [s. l.], v. 44, n. suppl 1, p. 1–8, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.supl.1-20200402>

GAUDENZI, P. Cenários brasileiros da Saúde Mental em tempos de Covid-19: uma reflexão. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**. v. 25, n. Supl. 1, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/Interface.200330>

GIOVANELLA, L. *et al.* A contribuição da Atenção Primária à Saúde na rede SUS de enfrentamento à Covid-19. **Saúde em Debate**, [s. l.], v. 44, n. spe4, p. 161–176, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-11042020e410>

LOBO, J. C. Uma outra pandemia no Brasil: as vítimas da violência doméstica no

isolamento social e a “incomunicabilidade da dor”. **Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia**, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 20–26, 2020.

MARIA, A. *et al.* Violência contra a mulher em tempos de pandemia da covid-19 no Brasil: Revisão narrativa de literatura. **Revista Enfermagem Atual In Derme \ Edição Especial Covid19**, [s. l.], 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. A saúde mental pelo prisma da saúde pública. **Relatório sobre a saúde no mundo 2001**: Saúde mental: nova concepção, nova esperança. Genebra: OPAS/OMS, p.1-16, 2001

SOUZA, A. S. R.; SOUZA, G. F. A.; PRACIANO, G. A. F. A saúde mental das mulheres em tempos da COVID-19. **Rev. Bras. Saude Mater. Infant.** v. 20, n.3, Jul-Sep 2020. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/jxZhPTbgdcGMYcCPYtqDfNx/?lang=pt#>

TEIXEIRA, D. V. Desigualdade de gênero: sobre garantias e responsabilidades sociais de homens e mulheres. **Revista Direito GV** [online]. v. 6, n. 1, pp. 253-274, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1808-24322010000100012>.

THOMÉ, D.; MELO, H. P. Empregadas domésticas, cuidadoras e afazeres domésticos – o viés de gênero da pandemia de Covid-19. **Política e sociedade**, Florianópolis, v. 20, n. 48, p. 153-177, Mai./Ago. de 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Mental health: a state of well-being. [Internet]. 2019 Oct. [cited 2022 Março 16] Available from:
http://www.who.int/features/factfiles/mental_health/en/>

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Mental health: strengthening our response. Fact sheet 220; 2018 [cited 2022 Mar 16]. Available from:
<http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs220/en/>. _____ [

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Depression and Other Common Mental Disorders: Global Health Estimates. Geneva, 2017. Licence: CC BY-NC-SA 3.0 IGO.